

Dossiê – Lugares de resistências, saberes e práticas escolares na História da Educação

O Dossiê *Lugares de resistências, saberes e práticas escolares na História da Educação*, é fruto da XV edição do Encontro Maranhense de História da Educação (EMHE) e do IV Colóquio Internacional sobre História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas (CIHLILEB) que se realizaram no mês de junho de 2024. Estes eventos que são organizados anualmente pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL/UFMA), contou nestas edições com a colaboração de pesquisadores de referência no campo da História da Educação brasileira e estrangeira (Argentina, México e Itália), seja na condução das conferências de abertura, intermediária e de encerramento, seja nas três mesas redondas de cada evento.

Na IV edição do CIHLILEB que teve como tema central *Espaços de resistências: entre livros proibidos e leitores deslegitimados* se abordou os livros proibidos, tendo em conta as formas de produção, as estratégias para sua circulação e o nível de consumo considerado como outra produção de diferente natureza; se discutiu o papel dos leitores indômitos para os quais a leitura e os livros não foram pensados nem produzidos, mas mesmo assim, tiveram acesso aos textos e à leitura; como também, se apontou para os espaços de resistências de leitura, de leitores e de autores que exerceram práticas libertadoras no ato de ler na contramão da censura e do impedimento da circulação de texto.

Já no Encontro Maranhense de História da Educação em parceria com o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, que se centrou na *(INTER)ação entre saberes e práticas escolares na História da Educação*, a discussão sobre os saberes e a produção de sentidos nas instituições de ensino; sobre a prática pedagógica e a prática educativa em função dos saberes docentes; e sobre a transição da prática escolar à prática cultural no processo de escolarização foram eixos de discussão que possibilitaram refletir sobre saberes e práticas escolares na História da Educação; fortalecer os estudos e as pesquisas neste campo no âmbito da Região Nordeste e em especial no Maranhão; divulgar as pesquisas e a produção em História da Educação no Estado, assim como contribuir com a troca de experiência entre pesquisadores de História da Educação maranhenses e de outras localidades do país e do estrangeiro. Nesses termos, as falas



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

projetadas nos eventos aparecem aqui como produções acadêmicas direcionadas a alunos, professores, pesquisadores e leitores em geral interessados nas temáticas propostas.

José Gonçalves Gondra em *O confisco geral do corpo, do tempo, da vida: emancipar e formar brasileiros, brasileiros/as, brasileiros/as*, examina aspectos da planetarização do chamado “Sistema de Ensino Mútuo”, sua circulação e as formas de implementação em solo nacional, no intuito de dar a ver projetos de formação, o tipo de emancipação que orbitam, assim como os problemas e contornos que apresentam. Para Gondra, pensar um sistema de formação no pós-independência, articula algumas iniciativas destinadas à escolarização, e oferece certo esquadro para problematizar a transnacionalização da pedagogia do mutualismo, o que implica reconhecer as complexas redes de relações de poder no Brasil emancipado e os debates que envolvem interesses divergentes dada a urgência e necessidade de instruir-se brasileiros, brasileiros/as e brasileiros/as.

Juri Meda em *A organização do espaço escolar entre a disciplina anatômica e a libertação da criança na escola primária italiana (1860-1977)*, trata do processo que conduz à crescente necessidade de se regular este espaço e introduzir carteiras escolares em função da intensificação do combate ao analfabetismo e do consequente aumento da população escolar, haja vista as desastrosas condições materiais das salas de aula no ensino primário depois da unificação da Itália. Meda aponta como a carteira escolar foi submetida a um processo formal de codificação em sua produção industrial por empresas especializadas; primeiro, em função do processo formal de esclerosização instaurado na primeira metade do século XX que atrasou a sua adaptação a modelos estrangeiros mais inovadores, tanto funcional como esteticamente; depois pelo surgimento de novos modelos pedagógicos baseados nos princípios do ativismo e, o crescente interesse de desenhistas industriais em mobiliário escolar, na renovação de espaços de aprendizagem e na superação das funções de disciplinamento anatômico.

Samuel Luís Velázquez Castellanos em *A banda de música da Casa dos Educandos Artífices no Maranhão (1841-1889): da prática escolar à prática cultural*, resgata a trajetória da CEA e de sua banda na província, articulando as práticas pedagógicas e educativas via instrução profissional com as práticas escolares que apontam para uma nova identidade institucional a partir de práticas culturais específicas. Castellanos analisa a escalada na formação musical, especificamente a instrumental, como matéria que orbita o currículo e o ofício de músico, quando entrecruza os processos de criação/instalação da CEA e a instauração / desenvolvimento / auge da banda de música, com a caracterização e utilização do espaço e as atividades extraescolares dos alunos em formação musical, para além do fluxo de matérias e a organização do tempo escolar como unidades de análise à luz de Norbert Elias e dos pressupostos teóricos-metodológicos da História Cultural.

Isabel Cristina Alves da Silva Frade em *A censura de textos e de livros: diferentes contextos, modos de censurar e de resistir*, aborda este fenômeno problematizando sua

natureza, seus desdobramentos legais e semânticos, assim como o modo como as diferentes acepções de censura são operacionalizados em ações materiais e simbólicas, a partir de Robert Darnton, que discute a complexidade de sua definição e faz uma etnografia da censura na França dos Bourbon (século XVIII), na Índia Britânica com o controle dos colonizadores (século XIX e início do XX) e na Alemanha oriental comunista em tempos de guerra fria (século XX), assim como das investigações sobre a mesa censória no Brasil colônia (Abreu, 2003), e da censura católica a romances no início do século XX (Paiva, 1996). Para Frade a censura é contraditória, representa interesses e regimes de verdade, ao mesmo tempo em que há maneiras de resistir, tanto judicial como culturalmente aos seus efeitos.

Cesar Augusto Castro em *A transposição do Método Castilho de Portugal para o Brasil*, analisa a circulação do método no Brasil nos territórios pedagógicos e educativos, recorrendo à imprensa, aos relatórios de inspetores da instrução pública e, principalmente, às cartas trocadas entre o poeta português e Gonçalves Dias com o imperador Pedro II, tratando da Leitura Repentina. Para Castro o Método de Castilho foi adotado em vários territórios educativos, em especial na Província de Pernambuco, Bahia e no Município Neutro, haja vista o quantitativo de professores que ministraram aulas e abriram escola em função dessa proposta pedagógica; embora as maneiras pelas quais ocorreu a transposição de modelos pedagógicos de outros países, como por exemplo o Método Castilho, e as disputas entre os seus defensores e críticos são campos férteis de estudos a serem realizados pelos historiadores da educação de Portugal e do Brasil.

Ana Maria de Oliveira Galvão em *Histórias de leitores improváveis: séculos XIX e XX*, com base em quatro diferentes casos, se questiona como indivíduos e grupos sociais tornaram-se leitores(as), apesar de marcados por pertencimentos que, nos contextos em que viveram - séculos XIX e XX no Brasil -, teriam pouca probabilidade de alcançar essa condição. Galvão operando com a noção de “jogos de escalas” e apoiando-se nos referenciais da História Cultural e da História da Cultura Escrita, mostra a relevância de algumas instâncias para que a “improbabilidade” ocorresse, como escola, família, cidade, trabalho, religião e movimentos sociais. A autora revela que, embora tendam a predominar, entre os “leitores improváveis”, usos pragmáticos da leitura, também estão presentes a fruição estética e literária, evidenciando que a mudança na escala de observação permite confirmar e complexificar o que outros estudos têm constatado.

Katya Braghini em *Como era a formação de professores com estes materiais científicos?: conhecimento escolar, experiência, autoformação na cidade de São Paulo (1878-1931)*, incursiona pela formação de professores em ciências naturais, primordialmente na disciplina de Física, a partir do uso de materiais científicos (instrumentos, maquinários, aparatos), por meio da prática da demonstração. Braghini amparada em Tardif (2014) e nos variados caminhos praticados pelos docentes na conquista de saberes e do processo racional de formação via escolarização e/ou experiência profissional, além da pesquisa

documental e a análise da bibliografia pertinente a uma história da educação em ciências localizada na cidade de São Paulo, defende que a formação de professores por meio do uso de artefatos científicos acontecia pela mediação dada pelos próprios instrumentos entre a teoria e a prática, que destaca o conhecimento tácito e gestual fomentado pelos livros didáticos, catálogos de venda e o contato com as empresas construtoras desses materiais.

Vera Teresa Valdemarin e Denis Domeneghetti Badia em *Brincadeiras e jogos na revista infantil O Tico-Tico (década de 1950)*, examinam o entrelaçamento entre práticas escolares e práticas culturais por meio da análise das edições dessa revista infantil publicadas em sua fase final (década de 1950), mesmo que fossem lançadas pela editora O Malho no Rio de Janeiro entre 1905 e 1962 e circulassem nacionalmente para contribuir para a educação da infância. Valdemarin e Badia creditam que os autores valendo-se dos elementos textuais e visuais dispostos para orientar a compreensão dos jovens leitores, analisam como o espaço discursivo na revista permite discutir o imbricamento entre práticas escolares e culturais, isto é, como objeto de conhecimento e de entretenimento, como produtor de sentidos e como produto de uma sociedade, apontando que a fidelidade da revista às características e aos valores que marcaram sua trajetória foi decisiva para sua longevidade de mais de cinco décadas, mas também contribuiu para seu declínio, ao não acompanhar plenamente as transformações sociais e culturais do período.

Cynthia Greive Veiga em *Educação racista e sentidos de inferioridade nas políticas educacionais latino-americanas (séculos XIX-XX)*, problematiza a divisão racial da educação na América Latina como educação racista, quando discute os sentidos de inferioridade possibilitados pela oferta desigual de escolarização, no âmbito das políticas educacionais latino americanas destinadas às populações pretas e indígenas. Segundo a autora, o recorte temporal refere-se ao período histórico de organização das nações independentes, de elaboração das constituições, de abolição da escravização da população afro-latino americana e de suspensão do pagamento do tributo indígena; pesquisa histórica realizada em países latino americanos com fontes documentais em diálogo com o campo conceitual da história decolonial, desenvolvido por Aníbal Quijano (2005, 2014), a partir dos conceitos de divisão racial do trabalho e de colonialidade do poder. Greive analisa a elaboração do entendimento de sentidos de inferioridade a partir do conceito de figuração (Elias; Scotson, 2000) e destaca a longevidade da educação racista como colonialidade do poder contribuiu fortemente para a inferiorização da população preta e indígena com repercussão nos dias atuais.

Alicia Civera Cerecedo em *As escolas como espaços de produção, negociação, resistência e rebelião: um olhar a partir da história da educação rural na América Latina*, se interroga até que ponto a escola pode ser emancipatória ou reprodutiva, a partir do exame do caso da escolarização rural e das pedagogias rurais desenvolvidas na América Latina durante a primeira metade do século XX. Para a autora, o ponto de partida é analisar como a escola se

relaciona com a modernização, a formação e consolidação dos estados nacionais e a governança internacional, numa série de negociações, resistências, apropriações e lutas dos atores nela envolvidos, especialmente a população rural; embora a escola rural, como parte do sistema educacional, tenha contribuído para fortalecer a hegemonia dos grupos dominantes, ao mesmo tempo em que permitiu a agência de diferentes setores importantes da população rural, como muitas mulheres, que encontraram na escola novas opções de vida. Civera Cerecedo verifica que longe de aceitar a narrativa das elites educacionais contra índios resistentes, o que se observa é um processo dinâmico e complexo em que a narrativa do camponês como um setor triste e atrasado não foi plenamente aceita pelos usuários da escola, que se apropriaram seletivamente da presença da escola rural para seus próprios fins.

Silvia Finocchio em *Palavras impressas, heterogeneidade e resistências em América Latina: uma reflexão teórica e metodológica*, apresenta elementos teóricos e metodológicos destinados a estudar a relação entre palavras impressas e heterogeneidade social e cultural na América Latina, tendo como foco as publicações periódicas. A autora objetiva captar a heterogeneidade com ferramentas teóricas e metodológicas atentas a dito objeto, e, em função dos estudos da heterogeneidade a partir da própria heterogeneidade; ou seja, tenta traçar a heterogeneidade nos discursos institucionalizados, nas histórias de atores relegados ou invisíveis e nas proclamações de vanguarda cultural presentes nas revistas publicadas durante a primeira metade do século XX, apresentando casos históricos de publicações periódicas do contexto latino-americano que, a título de exemplo, sustentam o sentido da abordagem proposta.

Assim, convidamos a estudantes de graduação e pós-graduação, a professores da Educação Básica e do Ensino superior, a pesquisadores de História da Educação e de outras áreas, e aos leitores em geral a que incursionem por saberes, práticas e lugares de resistências abordados numa perspectiva histórica que apontam para novas problemáticas, novos caminhos metodológicos e novos objetos de investigação, mesmo que se faça referência a velhos objetos ressignificados em novas perspectivas de análise.

São Luís, março de 2025

Samuel Luis Velázquez Castellanos
Cesar Augusto Castro